



Pedro Colli Badino de Souza Leite

# Uma flor nasceu na rua!

*A psicanálise que continua a brotar por aí*

**Blucher**

# UMA FLOR NASCEU NA RUA!

*A psicanálise que continua a brotar por aí*

Pedro Colli Badino de Souza Leite

*Uma flor nasceu na rua!: a psicanálise que continua a brotar por aí*

© 2021 Pedro Colli Badino de Souza Leite

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: Wikimedia Commons

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenação editorial* Jonatas Eliakim

*Produção editorial* Bárbara Waida

*Preparação de texto* Ana Maria Fiorini

*Diagramação* Negrito Produção Editorial

*Revisão de texto* MPMB

*Capa* Leandro Cunha

---

# Blucher

---

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

**www.blucher.com.br**

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

*Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação

na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Leite, Pedro Colli Badino de Souza

Uma flor nasceu na rua! : a psicanálise que continua a brotar por aí / Pedro Colli Badino de Souza Leite. – São Paulo : Blucher, 2021.

232 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-310-3 (impresso)

ISBN 978-65-5506-308-0 (eletrônico)

1. Psicanálise. 2. Psiquiatria. 3. Psicanálise – Ética. 4. Escuta psicanalítica. 5. Modelo psicológico dinâmico. I. Título

20-4331

CDD 150.195

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

# Conteúdo

Prefácio: da psiquiatria à psicanálise (e de volta)	11
Introdução	21
Éticas	25
O modelo psicológico dinâmico	85
Segunda-feira de manhã	105
Terça-feira de manhã	125
Quarta-feira de manhã	147
Esporte sem atividade física é esporte?	161
Escuta do paciente, compreensão e autorreflexão	177
Por que psiquiatria?	195

# Prefácio: da psiquiatria à psicanálise (e de volta)

Ao me convidar para escrever este prefácio para seu *Uma flor nasceu na rua! A psicanálise que continua a brotar por aí*, Pedro Leite me escreveu:

*Estive pensando, qual o mote do livro? Seria sobre clínica? Sobre os primórdios da formação analítica? Sobre psicanálise na faculdade de medicina?*

Buscar compreender a unidade de uma antologia de ensaios é uma questão que todo autor de uma coletânea se depara. E este prefácio é minha tentativa de resposta.

Entrevejo nas páginas do livro um conjunto de preocupações e desassossegos que me parecem delinear seu pano de fundo. Há uma longa tradição de inquietação na tentativa de se captar aquilo que se convencionou chamar de *condição humana*, nossa natureza última, nossa inserção na vida, no mundo e na existência. O universo do *inconfundivelmente* humano – do *demasiadamente* humano – é salpicado por imprecisões e incertezas; zonas enigmáticas e

pontos cegos. Declarar algo certo sobre nossa subjetividade, sobre a imensa variabilidade humana, sobre nossas complexas organizações sócio-político-culturais, sobre nossos processos anímicos profundos, é uma empreitada pontuada por frustrações, porque há algo instável e escorregadio na nossa essência: as exceções facilmente se acumulam e nos enterram em uma plethora de evidências contraditórias e teorias muitas vezes irreconciliáveis; os modelos empregados para que nós possamos tentar pensar a nós mesmos são incontáveis e, por vezes, mutuamente excludentes.

Aristóteles talvez tenha sido o primeiro grande pensador a refletir sistematicamente sobre esse problema. Seus tratados de lógica são marcados por um estilo áspero, remoto e duro. Buscam inventariar os raciocínios e as estruturas argumentativas que deverão pautar a investigação metafísica e daquilo que hoje chamaríamos de “ciência” (da observação de objetos celestes à anatomia animal). E tentam compreender rigorosamente como e por que a investigação “científico-metafísica” avança a passos claros, enquanto as pesquisas “humanísticas” caminham aos trancos e barrancos (um problema depois retomado por Kant). Quando Aristóteles desloca seu olhar para o mundo do emocional, do psíquico e do humano (em sua ética, poética e retórica), até mesmo seu estilo de escrita muda. É bem verdade que não há tarefa mais fadada ao fracasso que procurar maciez e doçura no texto aristotélico (Aristóteles é incontrolavelmente seco e sisudo), mas ele aciona outro registro discursivo na hora de tratar do campo da experiência humana: ele percebe o quão volúvel é seu objeto de estudo, o quão dependente de contextos móveis e fugidios, o quão necessário é o recurso a citações e exemplos mundanos ou artístico-literários. Sua *Ética* é pontuada por recorrentes referências aos grandes poetas gregos, por exemplo, algo que rarissimamente ocorre na cimentação de suas investigações naturais. Aristóteles percebe que a construção de um método de investigação preciso e escrupuloso para aquilo

que é “humano, demasiadamente humano” dependerá tanto da instauração de um procedimento solidamente rigoroso e objetivo quanto de doses maciças de reflexões hipotéticas, de raciocínios maleáveis, de construções imaginativas, referências poéticas e conjecturas provisórias.

O problema da dança dialética entre o rigor formal científico e a imprecisão e maleabilidade da pesquisa humanística transborda caudalosamente sobre os campos da psiquiatria, da psicologia e da psicanálise. O psiquiatra, o psicólogo e o psicanalista precisam sempre caminhar por essa corda bamba entre o biológico e o humanístico, entre o corporal e o mental, entre o universal e a exceção, entre a hipótese arriscada e a dúvida angustiante.

Uma versão contemporânea dessa dificuldade de se apreender o humano transparece na chamada “crise da replicabilidade”, que assola algumas áreas das ciências sociais, da psicologia e até da medicina desde mais ou menos 2011 (Pashler & Wagenmakers, 2012; Fidler & Wilcox, 2018): certos achados nesses domínios científicos estão sendo questionados porque não puderam ser ratificados por outras pesquisas (os resultados não foram *replicáveis*), o que está produzindo um movimento de questionamento da adequação das metodologias empregadas. Será que é possível estudar fenômenos humanos com o mesmo grau de acuidade e austeridade que esperamos nas ciências naturais?

Ao longo do século XIX e início do século XX, ocorreram acaloradas batalhas sobre como se fundar e organizar uma ciência (ou um sistema de conhecimento) do psíquico. O grande neurologista e psiquiatra alemão Wilhelm Griesinger era o expoente maior daqueles que defendiam que a psiquiatria deveria almejar ser apenas um braço da medicina geral: “As assim chamadas ‘doenças mentais’ não passam de doenças cerebrais e do sistema nervoso”, afirmou Griesinger em 1867 (Ellenberger, 1970, p. 241; Shorter, 1997, p.

76). Ele apostava ser possível transpor o método anatopatológico para toda a área da psiquiatria, ou ao menos manter os paradigmas da ciência médica geral como parâmetro das ciências “psi”. A “medicina da ‘alma’” deveria se converter em uma medicina estrita ou majoritariamente biológica, ou manter o método anatomofisiológico como modelo maior. Mesmo que essa ambição não tenha se realizado por completo (Harrington, 2019), houve conquistas importantes da psiquiatria biológica nos últimos cento e poucos anos (Shorter, 1997; Burns, 2006, 2014; Lieberman, 2015; Kandel, 2018), de modo que talvez possamos dizer que parte da psiquiatria contemporânea seja “griesingeriana”.

A epistemologia filosófica por trás do modelo de Griesinger demanda uma separação metodológica clara entre o “corporal” e o “espiritual”, entre as chamadas ciências “duras” (*hard*) e as ciências “brandas” (*soft*). Na direção oposta estava Sigmund Freud, tecendo a tradição humanística alemã com aspectos da medicina romântica:

*A síntese de Freud . . . configurava um novo espaço discursivo que trazia as ciências do espírito junto às ciências da natureza; ela ampliava as fronteiras das ciências naturais de maneira a fazê-las darem conta das grandes questões da interioridade humana, aquele espaço explorado pelos grandes romances psicológicos e pela poesia dos franceses, russos e ingleses; os estudos caracterológicos do teatro de Ésquilo e Shakespeare, Ibsen e Schnitzler; as lições advindas da história da humanidade e a crônica das fantasias humanas e crenças em religiões, contos de fada e fábulas. Por meio dessa integração, [Freud] acreditava poder resgatar a ciência de uma pobreza embaraçosa e as humanidades*

*poderiam vir a ser compreendidas por meio de leis universais. (Makari, 2008, p. 123)*

Mas a psicanálise também sucumbiu ocasionalmente a exageros, fanatismos, enrijecimentos e falhas argumentativas. Houve uma época em que departamentos de psiquiatria demandavam um ecletismo maior, para fugir de um imperialismo psicanalítico que chegou a ser sentido como opressor (Grinker, 1964).

Uma terceira corrente – um terceiro modelo de como se deveria pautar a pesquisa psicológica – podia ser vislumbrada na chamada psicopatologia fenomenológica, inaugurada, dentre outros, por Karl Jaspers (Stanghellini et al., 2019). Jaspers foi um crítico sagaz e contumaz tanto da tradição estritamente biológica (Ghaemi, 2009a) quanto da psicanálise (Bormuth, 2006; Monti, 2013) e favoreceu o estabelecimento de um campo de estudo do mental modelado a partir de certas correntes filosóficas. Jaspers teceu um tipo novo de linguagem para apreender o mundo interior e a experiência pessoal que não coadunava nem com os modelos estritamente científicos nem com os modelos psicanalíticos. A psiquiatria fenomenológica constitui uma corrente brutalmente importante do edifício intelectual psiquiátrico até os dias atuais.

Outras matrizes do pensamento psiquiátrico-psicodinâmico poderiam ter sido mencionadas (Ellenberger, 1970; Figueiredo, 1989/2014), mas o que é relevante para nossos propósitos é sublinhar como esse embate epistêmico entre correntes distintas vigora vívida e plenamente na psiquiatria atual e em todo o campo da psicologia, da psicanálise e das ciências da mente. As diversas áreas que estudam a “alma” humana vivem divididas entre si, com cansadas e intermináveis batalhas (sempre sem vencedores) entre psicanálise e psiquiatria, ou entre psicanálise e outros modelos psicodinâmicos ou técnicas psicoterapêuticas. É comum verificarmos

a tendência a uma falta de humildade, de generosidade e de tolerância nos intercâmbios entre esses campos do saber. Em parte, é natural que as coisas se deem dessa maneira. É necessário um esforço singular para que consigamos estudar a natureza humana de maneira desapaixoadada. Discussões sobre o cerebral, o psíquico e o mental são sempre “quentes”, tornando-se o desprendimento um ideal difícil de se atingir. São necessárias excepcionais coragem e humildade para preservar um distanciamento “frio” entre investigador e o objeto investigado. Estudar as motivações humanas e nossos misteriosos movimentos anímicos facilmente deságua num acalorado embate sobre a natureza última do ser humano, sobre a disposição e o temperamento do próprio investigador, e num questionamento potencialmente angustiante do valor do campo de estudo e de atuação que escolhemos. Falar do psíquico é falar de nós mesmos e eventualmente colocar nossas crenças, convicções, apostas e ilusões mais arraigadas a perder. O confronto com modelos frontalmente distintos daqueles que abraçamos desperta em nós uma angústia brutal, um risco de um colapso de valores e referências.

Na década de 1970, um artigo clássico do psiquiatra norte americano George L. Engel procurou introduzir um modelo multifatorial na compreensão e no tratamento do sofrimento humano, e advogou por um olhar multi- e transdisciplinar para a medicina: nascia o chamado modelo biopsicossocial, que buscava um intercâmbio permanente entre o biológico, o psíquico e o sociocultural (Engel, 1977). Desde então, embora haja recorrente clamor por diálogo, não reducionismo e maior integração, nem sempre foi viável se instaurar esse ideal na prática (Pilgrim, 2002). Afinal, sempre foi possível se perguntar: qual biologia? Qual psicologia? Qual sociologia ou antropologia? Críticos do modelo biopsicossocial apontam como um ecletismo irrestrito pode se traduzir numa mistura pouco científica de paradigmas (Ghaemi, 2009b).

Pedro Colli Badino de Souza Leite, autor desta obra, é médico psiquiatra pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) e psicanalista pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Ele mantém um vínculo ativo com o Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da USP (IPq-HC-FMUSP), onde é membro-coordenador do Núcleo de Psicanálise do Departamento de Psicoterapia. Muito influenciado por Freud e leitor atento de Karl Jaspers, ele atua tanto como psicanalista quanto como psiquiatra e cultiva esse envolvimento multi-institucional. Tem um interesse grande pela antropologia de Claude Lévi-Strauss e é um amante da poesia e da literatura.

Nas entrelinhas de *Uma flor nasceu na rua!*, podemos observar a pulsação dessa inquietação sobre a apreensão do humano que tentei esboçar. *Qual meu instrumento privilegiado de observação?* – o livro parece, por vezes, se perguntar. O olho do psiquiatra clínico ou o ouvido do psicanalista com pendor literário? *Qual a minha referência teórica?* Freud? Jaspers? A psiquiatria moderna? Muitos dos ensaios de *Uma flor nasceu na rua!* são experimentos de navegação por essas águas turvas. Mostram o autor apresentando ideias psicanalíticas em contextos médicos-científicos, em que as referências epistemológicas são, muitas vezes, radicalmente diferentes do estilo psicanalítico de se raciocinar. Há reflexões sobre a estruturação da ética psicanalítica e da ética médica, crônicas sobre a difícil arte de se comunicar com pessoas que falam línguas epistêmicas muito diferentes, relatos de encontros clínicos nos quais a dinâmica médico-paciente se mescla à dinâmica analista-analisando, indagações sobre a formação pessoal como médico, psiquiatra e psicanalista. Sobretudo, e esse é um grande mérito estilístico do livro do Pedro Leite, o *acompanhamos* vividamente pelas salas de aula, consultas e apresentações acadêmicas. O texto, em vez de propor uma reflexão abstrata dessas inquietações, as *exibe* diretamente para o leitor.

Muitas vezes observo como amigos e colegas que vieram à psicanálise por meio da psiquiatria padecem de uma angústia sobre suas convicções filosóficas íntimas e suas “lealdades”: são psiquiatras ou psicanalistas? Cientistas ou humanistas? Pessoalmente, acho que, independentemente de nossas formações pessoais, o mais rico é essa dança dialética entre os registros. Em um epílogo datado de 1982 a seu clássico *Tempo de despertar* (1973), Oliver Sacks escreve:

*Na juventude, vi-me dilacerado por dois interesses e ambições arrebatadores e conflitantes: a vocação para a ciência e a vocação para a arte. Não fui capaz de conciliá-los até me tornar médico. Acredito que todos nós, médicos, temos a singular boa sorte de poder dar plena expressão a ambos os lados de nossa natureza, nunca precisando suprimir um em favor do outro. (Sacks, 1973 [1982]/1997, pp. 315-316)*

A vida intelectual e profissional de Pedro Leite ganha cores nesse movimento pendular que vai da psiquiatria à psicanálise, retornando à primeira. E é essa pulsação que observo pelas páginas de *Uma flor nasceu na rua!*.

**Alberto Rocha Barros**

*Membro filiado ao Instituto “Durval Marcondes” da SBPSP e membro-coordenador do Núcleo de Psicanálise do IPq-HCFMUSP*

## Referências

- Bormuth, M. (2006). *Life Conduct in Modern Times: Karl Jaspers and Psychoanalysis (Philosophy and Medicine)*. Holland: Springer.
- Burns, T. (2006). *Psychiatry: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- Burns, T. (2014). *Our Necessary Shadow: The Nature and Meaning of Psychiatry*. New York & London: Pegasus Books.
- Ellenberger, H. F. (1970). *The Discovery of the Unconscious: The History and Evolution of Dynamic Psychiatry*. New York: Basic Books.
- Engel, G. (1977). The need for a new model: a challenge for biomedicine. *Science*, 196(4286), 129-136.
- Fidler, F. & Wilcox, J. (2018). Reproducibility of Scientific Results. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2018 Edition), Edward N. Zalta (Ed.). Recuperado de: <https://plato.stanford.edu/archives/win2018/entries/scientific-reproducibility/>
- Figueiredo, L. C. (2014). *Matrizes do Pensamento Psicológico*. 20a ed. Petrópolis: Editora Vozes. (Trabalho original publicado em 1989).
- Ghaemi, S. N. (2009a). Nosologomania: DSM & Karl Jasper's Critique of Kraepelin. *Philosophy, Ethics and Humanities in Medicine*, 4, 10.
- Ghaemi, S. N. (2009b). The rise and fall of the biopsychosocial model. *The British Journal of Psychiatry*, 195, 3-4.
- Grinker, R. R. (1964). A struggle for eclectism. *American Journal of Psychiatry*, 121(5), 451-457.

- Harington, A. (2019). *Mind Fixers: Psychiatry's Troubled Search for the Biology of Mental Illness*. New York: W. W. Norton & Company.
- Kandel, E. R. (2018). *The Disordered Mind: What Unusual Brains Tell Us About Ourselves*. London: Robinson.
- Lieberman, J. A. (2015). *Psiquiatria: Uma História Não Contada*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Makari, G. (2008). *Revolution in Mind: The Creation of Psychoanalysis*. New York: Harper Perennial.
- Monti, M. R. (2013). Jasper's "Critique of Psychoanalysis". In: G. Stanghellini & T. Fuchs (Eds.), *One Century of Kars Jasper's 'Genral Psychipathology'* (pp. 27-41). Oxford: Oxford University Press.
- Pashler, H. & Wagenmakers, E.-J. (2012). Editor's Introduction to the Special Section on Replicability in Psychological Science: A Crisis of Confidence? *Perspectives on Psychological Science*, 7(6), 528-530.
- Pilgrim, D. (2002). The biopsychosocial model in Anglo-American psychiatry: past, present and future? *Journal of Mental Health*, 11(6), 585-594.
- Sacks, O. (1997). Epílogo. In: O. Sacks, *Tempo de Despertar*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1973 [1982]).
- Shorter, E. (1997). *A History of Psychiatry: From the Era of the Asylum to the Age of Prozac*. New York: John Wiley & Sons.
- Stanghellini, G. et al. (Eds.). (2019). *The Oxford Handbook of Phenomenological Psychopathology*. Oxford: Oxford University Press.

# Introdução

Entre 1943 e 1945, Carlos Drummond de Andrade escreve o poema “A flor e a náusea”:<sup>1</sup>

*... Uma flor nasceu na rua!*

*Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.*

*Uma flor ainda desbotada*

*ilude a polícia, rompe o asfalto.*

*Façam completo silêncio, paralitem os negócios,*

*garanto que uma flor nasceu.*

*Sua cor não se percebe.*

*Suas pétalas não se abrem.*

---

<sup>1</sup> Andrade, C. D. (2002). A flor e a náusea. In C. D. Andrade, *Poesia Completa* (pp. 118-119). Introdução de Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

*Seu nome não está nos livros.*

*É feia. Mas é realmente uma flor.*

*Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde  
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.*

*Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.*

*Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em  
pânico.*

*É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o  
ódio.*

A flor de Drummond nasce em um tempo inóspito, furando de forma improvável o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio. Da mesma forma, a potência viva da psicanálise continua encontrando caminhos em ambientes difíceis.

Se hoje não vivemos o interlúdio entre os totalitarismos que marcaram profundamente o cenário político do século XX, temos pela frente outros desafios oferecidos pelo nosso tempo. A tendência contemporânea ao esvaziamento intersubjetivo; o uso da tecnologia que cria isolamentos globalizados; o império das imagens de alegria e perfeição; o novo sujeito de desempenho, que, esgotado, chama de liberdade a sua autoexploração; o patrulhamento distorcido de comportamentos e opiniões; o predomínio técnico-científico na formação médica; os exageros da medicina baseada em evidências; a tortura da razão para lhe fazer dizer o que se prefere; a aplicação indiscriminada do modelo de doença orgânica para todo e qualquer sofrimento mental; as dificuldades em enxergar certos sintomas psíquicos como parte fundamental de cada sujeito; a mercantilização da felicidade que nos aguarda

ao final do arco-íris; a padronização rígida e irrefletida de teorias e técnicas psicanalíticas consagradas; a fragilidade do estado de bem-estar social e os abismos socioeconômicos que encontramos por toda parte.

Se por um lado o cenário inspira pessimismo, por outro, no dia a dia observamos a capacidade da psicanálise de produzir furos em cada uma dessas superfícies áridas, escavando pertuitos, rompendo campos e desabrochando. Ao que tudo indica, para que isso possa ocorrer, basta que haja psicanalistas curiosos e desejantes de presenciar tais fenômenos. Este livro reúne artigos que testemunham a ação psicanalítica em lugares improváveis. Misteriosamente, a flor encontra um jeito.



*Este livro foi concebido* no mergulho e na dedicação cotidiana do autor à clínica psicanalítica e à transmissão desta experiência a alunos de graduação médica e médicos residentes em psiquiatria. Os capítulos propõem reflexões renovadoras e indispensáveis, sobretudo do ponto de vista do método e da ética. E ao fazê-lo com poesia, erudição, leveza, criatividade e didática, Pedro também prova ser do ramo da escrita.

A obra interessa a psicanalistas, psicólogos, psiquiatras, médicos de outras especialidades e universitários. Interessa a todos que se aproximam de pacientes e exercem a clínica, sentindo-se envolvidos e implicados com sua humanidade.

O texto contagia pelo entusiasmo e compromisso de seu autor com a “causa psicanalítica”, exercida no mundo real, com pessoas encarnadas, pondo em prática sua proposta mais revolucionária: jamais desistir da singularidade de cada sujeito.

*Oswaldo Ferreira Leite Netto*

*Diretor do Serviço de Psicoterapia do IPq-HCFMUSP*

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-310-3



9 786555 063103



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

**VEJA NA LOJA**

## **Uma Flor Nasceu na Rua!**

A psicanálise que continua a brotar por aí

---

**Pedro Colli Badino de Souza Leite**

ISBN: 9786555063103

Páginas: 232

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2021

---